

# IMAGEM POR TRANSFERÊNCIA: DA GRAVURA À ARTE IMPRESSA

## INTRODUÇÃO

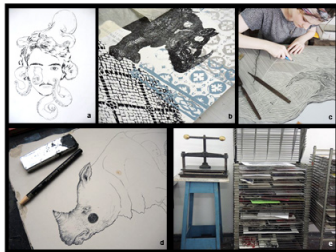
A pesquisa tem início no Ateliê de Gravura do Instituto de Artes da UFRGS com a prática em diferentes modos de imprimir. No fazer da gravura, procedimento híbrido por excelência, busca-se imagens matriciais feitas por desenhos, marcas ou memórias realizadas por sulcos, reações químicas ou dados virtuais, os quais, posteriormente serão transferidos para outro suporte, tornando-se Arte Impressa. O processo e os conceitos revelam-se na transtividade, resgatando e expandindo procedimentos de impressão e multiplicação de imagem como cianotipia, kalitipia, xerox, offset e infografia, cruzando-os com técnicas convencionais da gravura planográfica: litografia e serigrafia e, da gravura com sulcos e relevos: calcogravura e xilogravura.



Fig. 01 - Ateliê de gravura no Instituto de Artes da UFRGS.

## METODOLOGIA

Promove-se uma prática apoiada no método da poética e da cartografia, nas quais segue-se a experimentação prática em ateliê, com reflexão paralela, mantendo anotações do passo a passo. O método segue a trilha da prática e dela retém os momentos que contêm as diferenças, acessando os desvios, estimulando o movimento dos acontecimentos que se dão ao pesquisador, possibilitando o acompanhamento dos procedimentos técnicos e das subjetividades que se fazem no processo.



a) Fig. 02 - Desenho com nanquim sobre cartolina sobre papel.  
b) Fig. 03 - Técnica mista de processos de impressão sobre papel (xerox, serigrafia, litogravura e infografia).  
c) Fig. 04 - Processo de produção de uma matriz em índole.  
d) Fig. 05 - Gravação de imagem na matriz litográfica.  
e) Fig. 06 - Prensa para xilogravura e secadores (Ateliê de gravura do Instituto de Artes da UFRGS).



Fig. 07 - Monotipo sobre cianotipia.  
Fig. 08 - Glençil utilizado no processo de gravação da monotipo sobre cianotipia.



Fig. 09 - Ferramentas utilizadas na confecção de matrizes de xilogravura e litogravura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo está em fase inicial com experiências nas técnicas convencionais e não convencionais de impressos de arte. Busca-se encontrar: qual tipo de papel aceitará uma impressão com cianotipo? É possível ampliar uma imagem para revelar em marrom Van Dyck? A litografia deve ser impressa antes ou depois da serigrafia quando for no mesmo papel? Quais outros suportes além de papel abrigam uma imagem de transferência? Qual a durabilidade? Como ultrapassar as dimensões das matrizes e criar uma imagem maior? A impressão calculada mistura-se aos acasos gestuais e aos contatos fortuitos. Mesmo que ainda comprometidos com regras, a condição se agrega à prática da gravura tradicional e aponta novas possibilidades de transmissibilidade de imagem, cruzando recursos do ontem a fim de ser registro no amanhã, com análises no coletivo discente e docente, participando de mostras e seminários.

## BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reproduzibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1965.  
COUCHOT, Bernard. A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual. Traz. Sandra Rey. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.  
CUNHA, Eduardo Vieira. Impressões - O modo regular e os vestígios na arte contemporânea. *Revista Porto Arte*. Porto Alegre, v. 13, n. 22, maio 2005.  
DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1993.  
DIDI-HUBERMAN, Georges. *La remémbrance par contact. Archéologie, anachronisme et modernité de l'impression*. Paris: Les éditions de minuit, 2006.  
VINS, J. W. M. Imagem impressa e conhecimento. *Dancebun*, 65, 1997.  
REY, Sandra. Cruzamentos entre o real e o (im)possível: transversalidades entre o laço fio da fotografia de base química e o laço pode ser da imagem numérica. In: *Porto arte* v.13 no 22, maio 2005. Porto Alegre: Instituto de Artes UFRGS.  
WALEY, Paul. *Varietades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.